

A CULTURA PERIFÉRICA NA SÉRIE SINTONIA: UMA ANÁLISE ENTRE REPRESENTAÇÃO E MERCADO

Giulia Mariot Ferraz, Monique Vandresen

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o mercado de streaming tem investido de forma crescente em produções audiovisuais que colocam a periferia urbana no centro da narrativa, não mais como cenário coadjuvante de violência e carência, mas como espaço de produção cultural, estética e identidade própria. Séries como *Sintonia*, criada por KondZilla, Guilherme Quintella e Felipe Braga, produzida e distribuída pela Netflix, se insere nesse movimento, articulando elementos da cultura periférica como moda, música, linguagem, religiosidade e estética visual como recursos centrais na construção de suas tramas e personagens

A trama acompanha a vida de três jovens da periferia de São Paulo. A história mostra como o funk, a religião e o tráfico fazem parte de suas trajetórias, mas também destaca elementos como o figurino, os acessórios, os cortes de cabelo, a linguagem e a música, que ajudam a construir a identidade de cada personagem. Esses elementos não aparecem apenas para deixar a série mais bonita ou realista. Eles ajudam o público a entender quem são os personagens, de onde eles vêm e quais são seus sonhos, valores e formas de viver. Por isso, a moda e a estética têm um papel importante na narrativa, elas situam a cultura periférica como linguagem narrativa e não apenas como temática.

Ao mesmo tempo, surge uma questão importante: quando uma grande plataforma utiliza elementos da cultura periférica em suas produções, ela está ajudando a dar visibilidade a essa cultura ou está transformando esses elementos em produtos para gerar lucro?. Essa ambivalência entre visibilidade e mercantilização é o problema que orienta esta pesquisa.

A discussão sobre a fronteira entre valorização cultural e apropriação mercadológica é central para se pensar o papel das plataformas de streaming na legitimação (ou instrumentalização) de culturas historicamente marginalizadas, especialmente em um contexto de expansão global de conteúdos brasileiros. De forma específica, busca-se: identificar os principais elementos visuais, sonoros e estéticos da cultura periférica presentes na construção das personagens e do universo narrativo da série; analisar como esses elementos participam da construção de pertencimento identitário, territorial e geracional das personagens; discutir, a partir dos conceitos de representação, capital subcultural e circulação de significados na mídia, as tensões entre legitimação cultural e lógica de mercado

presentes na obra; e refletir sobre as implicações dessa ambivalência para os processos de legitimação da cultura periférica em plataformas de streaming

DESENVOLVIMENTO

Para compreender de que forma *Sintonia* mobiliza moda, música e estética como elementos de construção narrativa e identitária, este trabalho se apoia em alguns eixos conceituais complementares: a representação cultural, o capital cultural e o subcultural, e a lógica da indústria cultural e do mercado.

O conceito de representação, explicado por Stuart Hall (2016), é muito importante para esta pesquisa. Segundo o autor, a mídia não apenas mostra a realidade como ela é, mas também ajuda a construir a forma como entendemos o mundo. Isso acontece por meio da linguagem, das imagens, dos símbolos e de outros elementos culturais. Da mesma forma, a identidade das pessoas não é algo pronto ou fixo, mas é construída ao longo do tempo por essas representações. Segundo o autor: “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos.”(HALL, 2016, p.31)

Aplicado a *Sintonia*, esse referencial permite tratar moda, música e estética não como elementos decorativos da narrativa, mas como linguagem por meio da qual a série constrói quem são seus personagens, de onde eles vêm e a que grupo social pertencem. Vestuário, trilha sonora e composição visual funcionam, assim, como sistemas de signos que produzem sentido sobre a periferia e sobre os sujeitos que nela habitam, sentido esse que pode tanto reforçar estereótipos quanto abrir espaço para novas formas de representação e reconhecimento social.

Se a teoria de Hall (2016) ajuda a entender como a série cria significados por meio dos elementos culturais da periferia, ela não explica por que alguns desses elementos, como o funk, certos estilos de roupa ou símbolos religiosos, são mais valorizados do que outros, tanto dentro da história quanto na sociedade. Para entender essa questão, esta pesquisa utiliza os conceitos de capital cultural e capital subcultural. Esses conceitos ajudam a explicar como diferentes elementos da cultura podem ser valorizados, reconhecidos ou deixados de lado pela sociedade.

Bourdieu (1998) explica que alguns bens culturais, como estilos de roupa, músicas ou formas de falar, podem dar mais prestígio a certos grupos sociais e fazer com que outros sejam menos valorizados. Segundo o autor: “Ela ignora, paradoxalmente, a lógica propriamente simbólica da distinção que assegura, por acréscimo, benefícios materiais e simbólicos aos

detentores de um forte capital cultural que retira, de sua posição na estrutura da distribuição do capital cultural, um valor de raridade.” (BOURDIEU, 1998, p.75)

Micael Herschmann (2005) desloca essa lógica para o universo das subculturas musicais brasileiras, mostrando que o funk e o hip-hop, historicamente estigmatizados pela sociedade e pela mídia, desenvolvem entre seus próprios praticantes sistemas internos de valorização e prestígio, que nem sempre coincidem com os critérios de legitimação da cultura dominante. “apesar do constante processo de estigmatização, [a] imagem [do funk e do hip-hop] exerce um enorme fascínio sobre um grande número de jovens”.(HERSCHMANN, 2005, p. 20)

Ou seja, aquilo que é valorizado dentro desses grupos nem sempre é valorizado pela sociedade em geral. Esse conceito é importante para analisar o funk em *Sintonia*. Apesar de ser um gênero musical que muitas vezes sofre preconceito, na série ele aparece como um símbolo de sucesso, pertencimento e identidade para os personagens. Ao mesmo tempo, fora da história da série, o funk ainda enfrenta dificuldades para ser reconhecido e valorizado por toda a sociedade.

As noções de capital cultural e capital subcultural explicam como determinados elementos da cultura periférica adquirem valor e prestígio dentro de sua própria lógica interna de pertencimento, mas não dão conta, sozinhas, do momento em que esses mesmos elementos ultrapassam o universo da subcultura e passam a circular em larga escala por uma indústria midiática global, como é o caso de uma produção Netflix. É justamente essa passagem do valor simbólico interno ao grupo para o valor comercial explorado pelo mercado que o terceiro eixo teórico busca compreender, a partir da discussão de Diana Crane sobre moda, mídia e circulação de significados sociais.

Diana Crane (2006) explica que elementos culturais ligados a determinados grupos podem ser transformados em produtos, tendências e estratégias de venda pelas indústrias da moda e do entretenimento. “A moda de rua é criada por subculturas urbanas e oferece muitas idéias para modismos e tendências” (CRANE, 2006,p.274)

Nessa perspectiva, esse processo pode aumentar a visibilidade e o reconhecimento desses grupos, mas também pode fazer com que seus significados originais sejam perdidos, já que passam a ser usados principalmente para gerar lucro.

Essa ideia é importante para esta pesquisa porque ajuda a refletir sobre a série. Ao dar destaque à cultura da periferia por meio da moda, da música e da estética, a série pode contribuir para valorizar grupos que por muito tempo foram pouco representados. Por outro lado, também é possível questionar se essa cultura está sendo usada como um diferencial visual e comercial pela plataforma que produz e distribui a série.

Juntos, esses temas ajudam a orientar a análise desta pesquisa. Primeiro, permitem entender como a série constrói representações da periferia e de seus personagens (Hall). Depois, mostram como essas representações podem gerar reconhecimento e prestígio para determinados elementos culturais (Bourdieu e Herschmann). Por fim, ajudam a discutir até que ponto essa valorização cultural também faz parte de uma estratégia de mercado (Crane).

ANÁLISE DA SÉRIE

A análise concentra-se nas trajetórias dos três protagonistas Doni, Nando e Rita, por representarem, cada um, uma das três frentes temáticas centrais da série: o funk, o tráfico de drogas e a religiosidade evangélica, respectivamente. Para fazer essa análise, serão observados como os personagens se desenvolvem ao longo das temporadas e como elementos como a estética, o figurino e a trilha sonora ajudam a construir suas identidades.

Sintonia foi criada por Konrad Dantas, conhecido como KondZilla, um dos principais nomes do funk brasileiro e criador do maior canal de música do YouTube no Brasil. A série é produzida pela Losbragas em parceria com a Netflix. Essa informação é importante para esta pesquisa porque mostra que a série foi criada por alguém que faz parte da cultura retratada. Assim, ela não apresenta um olhar de fora sobre a periferia, mas uma narrativa construída por pessoas ligadas a essa realidade. Ao mesmo tempo, por ser distribuída pela Netflix para diversos países, a série também faz parte de um grande mercado de entretenimento, o que levanta a discussão sobre a valorização da cultura periférica e seu uso como produto comercial.

Ao longo da série, o figurino ajuda a mostrar quem são os personagens e a qual grupo eles pertencem. As roupas, os bonés, as correntes, os tênis de marca e os cortes de cabelo usados por Doni e seus amigos reforçam sua ligação com o funk e com a cultura das periferias de São Paulo, além de representarem o desejo de crescer por meio da música.



Já Rita passa por uma mudança em sua forma de vestir conforme se aproxima da igreja evangélica. Suas roupas ficam mais discretas, mostrando visualmente essa transformação em sua vida.



Nando, por sua vez, também muda sua aparência ao longo da história, adotando um estilo que representa sua posição dentro do tráfico.



Esses exemplos mostram que o figurino vai além da estética: ele ajuda a contar a história e mostra, mesmo antes das falas, quem são os personagens e em que momento de suas vidas eles estão.

A música, principalmente o funk, também é um dos elementos mais importantes da série. Mais do que uma trilha sonora, ela faz parte da própria história. A trajetória de Doni como MC é um dos principais acontecimentos da narrativa, e o funk aparece como uma forma de expressão, de conquista de espaço e de construção da identidade do personagem. Além disso, a participação de artistas reais do funk aproxima a ficção da realidade, aumentando a sensação de autenticidade da série.

Outro aspecto importante é a forma como a periferia é mostrada. A série apresenta ruas, vielas, igrejas e bailes funk de maneira cuidadosa, mostrando que esses espaços são muito mais do que lugares marcados pela violência ou pela pobreza. Eles aparecem como ambientes cheios de cultura, relações sociais e diferentes formas de viver. Assim, a periferia deixa de ser apenas um cenário e passa a fazer parte da construção da narrativa.

ANÁLISE DE RESULTADOS

A análise do figurino, da música e da representação da periferia permite responder ao problema central desta pesquisa: até que ponto *Sintonia* valoriza a cultura periférica e até que ponto essa cultura também é utilizada como estratégia de mercado.

Com base nas ideias de Stuart Hall, percebe-se que a série não apenas mostra a periferia, mas ajuda a construir uma imagem sobre ela. Através da moda, da música e da estética, *Sintonia* apresenta personagens com histórias, sonhos, crenças e relações, mostrando uma realidade mais ampla do que a imagem de violência normalmente associada às favelas em muitas produções. Dessa forma, a série contribui para ampliar a forma como a periferia é vista.

Os conceitos de Pierre Bourdieu também ajudam a entender que essa representação não acontece por acaso. A série mostra que elementos como o funk podem ser vistos como fonte de prestígio e reconhecimento dentro da própria comunidade. Para Doni, por exemplo, o funk representa uma oportunidade de crescimento e de conquista de respeito. Ao mesmo tempo, fora desse contexto, o gênero ainda enfrenta preconceitos e dificuldades para ser valorizado pela sociedade. Isso mostra que a série apresenta as disputas em torno do reconhecimento da cultura periférica.

Por fim, os estudos de Diana Crane ajudam a compreender outra questão importante. Como *Sintonia* é produzida e distribuída pela Netflix, uma plataforma com alcance mundial, elementos da cultura periférica passam a circular para um público muito maior. Com isso, o funk, a moda, a estética das quebradas e a religiosidade deixam de ser apenas formas de expressão cultural e também passam a fazer parte de um produto comercial. É justamente essa tensão entre autenticidade cultural e lógica comercial que torna a série diferente e atrativa para o público.

O fato de a série ter sido criada por KondZilla torna essa discussão ainda mais interessante. Por um lado, a narrativa valoriza uma cultura produzida por pessoas que realmente fazem parte desse universo. Por outro, ao ser distribuída mundialmente por uma plataforma de streaming, essa mesma cultura também passa a gerar valor econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, os resultados desta pesquisa mostram que não existe uma resposta simples para o problema estudado. *Sintonia* contribui para dar mais visibilidade e reconhecimento à cultura periférica, mas, ao mesmo tempo, essa cultura também é utilizada como um diferencial comercial da plataforma que produz e distribui a série. Dessa forma, valorização cultural e interesses de mercado acontecem ao mesmo tempo e fazem parte da construção da obra.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução de Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

SINTONIA. Direção: KondZilla; Johnny Araújo. Produção: Losbragas; Gullane; KondZilla. Netflix, 2019-2025. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 4 ago. 2026.